

Capoeira: configurações e dinâmicas contemporâneas

Ana Rosa Fachardo Jaqueira*

Este ensaio enquadra-se numa idéia maior de discussão de *Temas Atuais sobre a Capoeira*, que encontra sua pertinência frente ao panorama atual de evolução geográfica¹ e de dinâmica cultural pelas quais passa o patrimônio cultural brasileiro denominado capoeira. Cumpre salientar que, do prisma da Educação Humana pelo qual nos norteamos – a Educação Física e o Desporto em todos os seus hibridismos científicos –, temos no objeto capoeira um meio e um fim em si mesmo, respectivamente, o que nos permite enquadrá-lo conforme a especificidade de cada disciplina, mas nunca dissociá-lo de sua originalidade cultural.

Sendo assim, e partindo do pressuposto de nossa experiência na práxis da capoeira ao longo de anos e, contemporaneamente, como docente assistente desta cadeira de Estudos Práticos na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, bem como através de nossos estudos acadêmicos, que tiveram e têm por objeto esta manifestação brasileira, concluímos ter por significantes a exploração desse mundo ímpar, sua nacionalidade e singularidade cultural; entretanto, quando tratado da óptica an-

tropológica do *homo sportivus*², personagem histórico que imprime no mundo em que vive as marcas da dinâmica sócio-cultural à qual é afeito, deixa transparecer através desse formato as maiores similitudes e as menores diferenças que confluíram e que confluem para o surgimento, desenvolvimento e dinâmica dos jogos e dos desportos na sua própria ação.

Objetivamos então trazer ao lume e em generalidade o estado da arte capoeira³ em sua terra natal e pelas bandas da Europa, ambientes que pudemos observar diretamente, salientando como tópicos norteadores para as nossas inferências a sua conformação social intra e inter-grupos nos brasis, bem como em determinadas partes do Velho Mundo, assim como aspectos técnicos da expressão em causa. Convém advertir que nossa aventura considera o objeto capoeira nas vertentes expressas por seus protagonistas – os capoeiristas –, nos formatos diversos de jogo, luta, desporto e espetáculo, contrapondo discursos e posturas implícitos e manifestos em suas vãs tentativas de vocalizar pressuposta unicidade de índole para a sua prática.

* Mestre em Educação Física. Professora Assistente do Núcleo de Ciências da Actividade Física da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Portugal. anarosajaqueira@fcdef.uc.pt.

¹ Em perspectivas macro (nacionalidade) e micro (regionalidade), Araújo e Jaqueira em *A luta da capoeira: reflexões acerca da sua origem (2004)*, inferem ser de nacionalidade brasileira a expressão em causa, e em perspectiva micro, concluem serem ainda insuficientes os documentos fatuais e orais acerca desta temática, bem como são incipientes, superficiais e tendenciosos os estudos que buscar determinar uma regionalidade original da capoeira.

² Conceito que segundo Tubino em *O que é esporte, surgiu no final do século XX e engloba aquelas pessoas que de alguma forma incorporaram a atividade física ao seu cotidiano, independentemente de sua idade, sexo, condição social e em qualquer das dimensões do desporto apontadas pelo autor em questão: esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance*.

³ Em suas existências Capoeira Angola, Capoeira Regional e subpráticas.

1. Panorama geral da capoeira hodierna⁴

A observação do quadro configuracional da capoeira coeva, tendo por delimitação temporal as últimas décadas do século XX e espacial, o Brasil e alguns países nos quais ela é desenvolvida, apresenta-nos uma situação fenomenal de progressão em número de praticantes e de distribuição desses em seu país original, bem como no resto do mundo, caracterizando uma rede espontânea *a priori*, e conseqüentemente desorganizada ou pouco articulada, *a posteriori*.

Todavia, o que se observa desse universo em expansão, no tocante aos seus avanços territoriais, é uma forte organização extra-oficial que paralela e indiferentemente ao centro do poder instituído para tal, se consolida indelevelmente sob a bandeira da expansão da cultura brasileira que, em discurso mais reducionista e politicamente correto, se proclama como uma expressão *afro-brasileira*. Considerando que a discussão acerca dessa criação dos então *neo-brasileiros*⁵ não cabe neste mero ensaio, partimos por dissecar esse *polvo* em seus tentáculos, ou por segmentar as malhas da rede configuracional⁶ da capoeira mundial, *sui generis* em toda a sua especificidade e travestida de espontaneidade.

Contudo, cingidos ao tema específico que nos impeliu a aventurarmo-nos neste ensaio, apontamos o cerne de nossa proposta:

- Quais estrutura e dinâmica permitem à capoeira estabelecer-se de forma avassaladora no Brasil e transpor-se para o mundo?

- Tais estrutura e dinâmica permanecem adequadas ao seu modelo original, quando de sua sobrevivência em países estrangeiros?

Para respondermos a tais questões, iniciaremos por tentar apresentar, a partir da nossa óptica, a configuração da capoeira de nossos dias.

O jogo/luta da capoeira é uma expressão dinamizada conforme as interferências psicológicas e sociais ocorridas em seu seio, em que destacamos as expressões de jogo, de arte-marcial, de defesa-pessoal, de desporto e da arte do espetáculo, que muitas vezes representa a luta codificada em uma linguagem pertinente à necessidade simbólica do momento. Assim sendo, e de acordo com a observação desta pesquisadora no ambiente da capoeira e pela consubstanciação que a literatura afim possibilita, buscaremos delinear o perfil da capoeira coeva⁷ e dos seus praticantes.

1.1 - Em seus aspectos técnicos

Retomando o discurso acerca dos estilos da capoeira, e partindo do pressuposto teórico das suas *múltiplas transformações*⁸ como produto da dinâmica cultural do jogo/luta, deparamo-nos com o quadro atual de uma expressão paradoxalmente dicotomizada em *estilos*, identificados como *capoeira Angola* e *capoeira Regional*, que nos contextos que lhes são próprios se apresentam faccionadas⁹ significativamente. Tais estilos, por sua vez são faccionados também em manifestações outras que ainda não foram avaliadas rigoro-

⁴ Atenta-se aqui para o fato de os capoeiristas segmentarem a expressão em causa em estilos e por entenderem que as dinâmicas sofridas pelo estilo denominado *Capoeira Regional* merecerem nomes específicos, apesar de serem incapazes de diferenciá-los em questões técnicas, por exemplo. Assim sendo, uma dessas formas dinamizadas da capoeira recebeu o título de *Capoeira Contemporânea*, entendimento o qual guarda sentido diferenciado de nossa proposta do retratar o universo capoeirístico contemporâneo aos nossos dias como um todo, e não como um estilo.

⁵ Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro chama de neo-brasileiro o gentílico nascido em solo brasileiro, composto em seus primeiros núcleos por brasilíndios e afro-brasileiros*.

⁶ Norbert Elias em *Introdução à Sociologia conceitua como configuração as relações entre indivíduos em uma associação qualquer que obedece a um padrão da mutabilidade, ou seja, a interdependência entre tais indivíduos é que determina o formato mutável da configuração a qual eles estruturam*.

⁷ Jaqueira, em *Análise do comportamento agressivo na capoeira, sob a concepção dos mestres, capítulo I*.

⁸ Araújo, em *Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira*.

⁹ O sentido aqui aplicado ao termo *facção* refere-se às tentativas de subdivisões dos grupos de capoeira, que apesar de se propagarem praticantes de um dos dois estilos da luta brasileira, divulgam-se como tendo diferentes formas de expressividade, procurando apresentar-se como uma nova via de expressão da capoeira e distintas nos mais variados aspectos daquela que é a matriz que as originou, apoiados em preciosismos, tais como uma forma de gingar altamente padronizada entre os componentes de um determinado grupo, e de maneira a levar à identificação da pertença deles por outro capoeirista observador.

samente quanto aos seus aspectos diferenciadores e referentes às técnicas de ensino ou de expressividade, mas apresentando-se impregnadas de ideologias, sectarismo e ânsia pelo poder por parte dos mentores de tais facções ou grupos.

Dos estilos *Angola* e *Regional* de capoeira e, conseqüentemente, das facções ou grupos que se evidenciam nos seus contextos, constatamos que os aspectos balizadores ou diferenciadores destes grupos nunca são referentes à movimentação rítmica da capoeira ou às suas componentes de natureza cinética, como era de se supor, mas derivam tão-somente das mentalidades de seus idealizadores, que concorrem para alimentar as suas posições radicais e muitas vezes alienantes em relação ao conhecimento que julgam ter acerca do objeto em questão.

Em relação ao aspecto técnico difundido pelos capoeiristas de nosso tempo, devemos também abordar o fato da existência de certos preciosismos técnicos de expressão corporal (gesto e movimento), os quais atentam contra a individualidade¹⁰ biológica e capacidade expressiva de cada um, por impor certo gestual e rígida padronização de movimentos aos elementos de um grupo de capoeira, de forma a apresentarem-se como autênticos autômatos e inidentificáveis no todo, enquanto pessoas¹¹, automação esta injustificada biomecanicamente, logo, símbolo evocativo ou alegoria de algum ideário individual, originalmente atribuídos ao seu líder. Assim sendo, ultrapassa-se o panorama da expressão da cultura física para a expressão da cultura corporal e de regimentos internos subliminares¹², de forma que muitos elementos dos grupos de capoeira buscam apresentar-se

fisicamente análogos ao seu mestre, em penteados, tatuagens e pelo uso de outros adornos corporais.

Ainda no tocante à expressão física da capoeira ou aos seus aspectos técnicos, podemos dizer que a metamorfose se realiza a todo tempo, quer pela inclusão de novos movimentos e golpes apropriados de outras expressões ou mesmo desenvolvidas criativamente em seu âmago, seja pela exclusão de outros golpes e movimentos, a partir de argumentos falaciosos vinculando-os à eficiência e à estética, ou mesmo pela falta delas, conforme a avaliação subjetiva de seus utilizadores, mais especificamente a do seu líder – o mestre.

Apesar de alguns folcloristas¹³ nacionais apresentarem em suas obras a descrição dos elementos que compunham o arcabouço dos movimentos e dos golpes da expressão em causa, não é possível precisar o seu quantitativo na capoeira de hoje nem tampouco de outrora, visto inexistirem estudos que retratem a evolução e a dinâmica dos mesmos na sociedade brasileira, que levem em consideração a sua variabilidade gestual e nominal interestilos, e igualmente, a criatividade dos indivíduos anteriormente referidos, de forma consciente e algumas vezes irracional, somente fundamentada na necessidade de afirmação de pessoas e grupos com objetivos de evidenciar certa superioridade técnica sobre outras facções.

Para exemplificar o anteriormente aludido, e tomando por referência a classificação do estilo de capoeira denominado *Regional*, no qual os golpes e movimentos foram estruturados como *básicos*, *traumatizantes* e *desequilibrantes*, referimos Almeida¹⁴ (1994), que apontava, por um lado, para o descarte de certos *golpes*, não mais ensi-

¹⁰ Vide *standardização intergrupo*, a qual deverá ser idêntica entre matriz e filiais, bem como nos aulões de capoeira, quando todos os presentes executam movimentos por imitação, numa paródia a eventos de áreas organizadas para certo fim, e que, incoerentemente, são criticadas pelos capoeiristas por atentar contra a criatividade e liberdade de cada um.

¹¹ O que contraria a posição de Sousa em A passagem de “indivíduo” à “pessoa” no universo da capoeira, o qual conclui que tal dá-se em função dos conhecimentos técnicos adquiridos, dos rituais tais como o batizado, e de situações específicas que identificam a marca pessoal de cada um, ou seja, o respeito à individualidade, insinuando que antes de ser capoeirista o indivíduo dissolvia-se como sendo somente mais um na multidão.

¹² Os quais referenciados pelo mesmo autor da nota anterior (nº 11), referentes à pertença ao grupo que o cerimonial de batizado confere ao capoeirista, o qual daí por diante assumirá uma obrigação especial sendo a principal delas ser um guerreiro com a função de carregar e defender o grupo.

¹³ Cascudo (1954), Carneiro (1977).

¹⁴ Mestre Itapoan, ex-aluno e biógrafo do criador do estilo *Regional* de capoeira.

nados pelos mestres de capoeira e, por outro, criticava a inclusão de *golpes e filosofias de outros lutas na capoeira, as chamadas* (pelo autor) *lutas alienígenas*.

Evidentemente, é possível encontrarmos analogias, nos dias de hoje, àqueles objetivos pugnados pelo Mestre Bimba, o criador do estilo Regional acima referenciado, que, na busca pela eficiência e eficácia nos confrontos, concorre para a criação de novos modelos e para a incorporação de novos movimentos de outras tantas lutas hoje conhecidas. Entretanto, há que se diferenciar a expressão do mestre referido, cujo aspecto agnóstico fora criado para permitir-se usá-lo no combate lícito entre opostos, das atuais manobras ilícitas e demonstrativas de má intenção utilizadas no ato do jogo/luta da atualidade e de alguns grupos ditos inovadores.

Conforme o tratamento dado ao assunto até o presente momento, podemos inferir que o quadro atual da capoeira é envolto pela capacidade criadora e nem sempre fatual daqueles que registraram a sua história. A citação apresentada anteriormente demonstra mais uma vez um discurso de um mestre de capoeira e autor voltado para o seu tempo individual, e alheio às novas configurações que o tempo coletivo proporciona, sejam elas boas ou más, não nos cabendo este juízo de valor.

Inquestionavelmente, o arcabouço de movimentos e golpes da capoeira se tem enriquecido ao longo dos tempos, quer pela observação e adoção por parte dos capoeiristas do que é útil e eficaz a outras modalidades de luta enquanto consumação de seu objetivo quer pela criação de novas expressões e movimentos de luta e da dança, como também, se empobrecendo pela exclusão de outros, isto por razões diversas, mas nunca consistentemente fundamentadas. Este processo de ganhos ou perdas decorre de episódios da própria dinâmica cultural a que o jogo/luta está sujeito. Ressalte-se, porém, que o acréscimo considerável de golpes e de movimentos hoje observados não só decorre dos fenômenos anteriormente referidos, mas muitas vezes revela-se através da aglutinação de dois ou mais movimentos e/ou golpes em um, recebendo posteriormente uma nova denominação, que nos conduz à idéia de que se trata de algo novo.

Para ilustrar tal fato, podemos citar uma ação de defesa denominada *esquiva*, classe de movimento em que o próprio nome traz a sua função e que, segundo a óptica dos capoeiristas e sem consideração à perspectiva mecânica dos planos e eixos anatômicos em que se executa, atribui um nome distinto para um mesmo movimento, realizado ora no eixo sagital, ora no eixo frontal e ainda, conforme o plano do movimento. Surge assim em progressão geométrica uma infinidade de movimentos e de golpes, que variam quanto à sua utilização ou não, de grupo para grupo e/ou de estilo para estilo.

Quanto às questões técnicas da capoeira, ainda nos parece relevante citar que outros golpes e movimentos são abolidos de sua prática em decorrência de um julgamento estético dos mentores do grupo, que muitas vezes não leva em conta a própria eficiência do movimento, por mais simples que este pareça, enquadrando-se na perspectiva dos modismos muito comuns em grande parte desses agrupamentos de capoeira da contemporaneidade, que mais deveriam apresentá-los e ensiná-los como forma de permitir a escolha racional dos golpes e movimentos por eleição individual. Para exemplificar o exposto, muitos dos grupos excluíram de seu rol de movimentos a *cocorinha*, uma forma de esquiva, somente por entendê-la ultrapassada para a modernidade, além de considerá-la em um âmbito menos relevante para o contexto de uma luta – a moda.

Quiçá uma avaliação mais detida dos golpes e movimentos da capoeira da contemporaneidade classificasse e caracterizasse o rico repertório de ações e reações espetaculares, estética e complexamente trabalhadas, mas, por certo, muitas destas formas de expressividades corporais não se apresentariam efetivamente como elementos adequados para a capoeira enquanto prática de luta.

1.2 - Em sua configuração grupal

Entendemos por grupo de capoeira a associação de pessoas com o intuito de aprendizagem, de desenvolvimento e de treinamento da modalidade em questão, observando-se contudo, neste contexto, características além técnica, uma pretensão veia *filosófica* para a expressão e para o seu

grupo, sendo esta muito variável entre estes últimos, e entre os distintos estilos considerados neste ensaio. A padronização destes conjuntos de pessoas, estandardizados em grupo inicial ou primeiro, denominado de grupo matriz e seus subgrupos, que levam também o nome da matriz e são denominados por grupos filiais, denuncia a configuração econômica e jurídica falseada da capoeira atual, em contraposição a um discurso corrente de manutenção da tradição histórica da luta brasileira.

Em algum momento de toda esta confluência de idéias podemos observar que, no tocante à expressão corpórea da capoeira, tais facções adornam os seus *estilos* de expressão física com mímicas e gestos, os quais entendemos por preciosismos gestuais que funcionam como uma senha entre seus pares, uma linguagem corporal específica padronizada intra e intergrupos, contrariando assim o discurso manifesto da parte dos capoeiristas quanto aos princípios da inclusão social, da tolerância às diferenças, da liberdade e criatividade tão difundidas pelas facções que ensinam a capoeira, fomentando desta maneira o sentimento de pertencimento e de submissão ao grupo, desenvolvidos sobre uma falsa idéia de superioridade técnica.

Outro aspecto que nos chama a atenção, no contexto da transmissão dos *fundamentos* da capoeira, é o do processo ensino-aprendizagem-treinamento desta expressão corporal de luta; em face dos elementos constantes da bibliografia sobre esta temática, nos leva a crer que tal processo desenvolve-se de maneira geral intuitivamen-

te por parte de seus transmissores, não se configurando a presença de qualquer método específico, quer para o ensino de crianças, jovens ou adultos, e para qualquer das suas vertentes, no âmbito educativo ou no treinamento da capoeira enquanto prática corporal de luta. Posição contrária à apresentada nas linhas anteriores é defendida por Almeida (1994), que considera existirem mestres comprometidos com a essência do *esporte-luta* e que desenvolveram *trabalhos sérios* pautados em *metodologias específicas e coerentes com os fundamentos*¹⁵ da capoeira, fato este que reafirmamos não se comprovar através da literatura consultada inerente a esta luta brasileira, nem através da observação direta dos vários grupos de capoeira, em quaisquer dos estilos conhecidos.

Salientamos que, contemporaneamente, a modalidade capoeira é utilizada como um meio para atingir os objetivos particulares dos seus mentores mais destacados socialmente, que muitas vezes por falta de escrúpulos, consumidos na fogueira das vaidades, fazem coincidir no mesmo plano idéias da transformação do arcabouço técnico da capoeira sobre argumentações de cunho meramente estético, voltados a modismos, e principalmente, baseados em si próprios enquanto indivíduos ou em função de auto-conceitos, de interesses pessoais e de motivações individuais, o que interfere significativamente na consolidação da luta brasileira, distorcendo deste modo o natural cotidiano histórico da capoeira e dos seus praticantes, e que no contexto atual dessa expressão se apresenta para os capoeiristas como um aspecto positivo de modernidade.

¹⁵ Aceti (2005) afirma que, quando questionados os mestres de capoeira acerca dos fundamentos dela, vê delineado um caleidoscópio de entendimentos diversos, dos quais podemos citar como exemplos os apontados por Sousa (1998): o estar por dentro do universo da capoeira, conhecer a biografia do mestre do grupo e saber respeitá-lo, saber a função dos instrumentos e tocá-los, conhecer as músicas e saber improvisar corridos e chulas.

2 - O indivíduo capoeirista e sua crença na capoeira

A conformação grupal da capoeira hodierna e o papel de primazia efetivado por seu líder, notoriamente difundido como peça-chave do rol de uma tal *tradição da capoeira*, não encontram outra justificativa para sua existência que não a já argumentada anteriormente, ou seja, é fundada no indivíduo (o capoeirista) e na rede de interdependência que do universo da capoeira emana, na capacidade de liderança do representante do poder grupal e, na *tradição da capoeira*, como em todas as manifestações de cultura existentes, de se dinamizar através dos tempos ou de se extinguir.

Lembramos que em sua dinamização para o meio urbano ainda no século XIX, confirmada documentalmente na cidade do Rio de Janeiro, os ajuntamentos de indivíduos que manifestavam alguma movimentação física belicosa eram denominadas de *bandos*, *grupos*, *magotes* ou *ajuntamentos* e finalmente *maltas* de capoeiras, praticantes de *capoeiragem*¹⁶, refletindo a partir desta argumentação, o ideário contemporâneo acerca da *tradição grupal da capoeira*, delimitado pela caracterização do indivíduo capoeirista de hoje e do indivíduo capoeira de outrora.

Conforme fora anteriormente aventado, os documentos que registram a existência da capoeira no Rio de Janeiro do século XIX são autos de prisão e notas de jornais, os quais abordam o tema conforme o entendimento de época. Inclusos nesses grupos de pessoas as que promoviam entre outras ações na cidade, tais como roubos, assuadas e outras formas de *perturbação da paz* estavam gentes de toda a sorte e cores¹⁷ e nem todos eles se utilizavam de movimentos e golpes de luta para atacar ou se defender, pelo menos que fossem de uma luta de formatação qualquer diferentemente de briga de rua, como também essa famigerada luta corporal não era o seu objeto primeiro de existência.

Interessa destacar o fator de confluência das pessoas que formavam o grupamento denomina-

do malta de capoeiras ou de indivíduos colocados à margem socialmente, inicialmente assistemático e composto por ajuntamentos de negros, mesmo que proibidos, os quais foram associados conforme os estudos de Araújo (1997), a: *fatores religiosos, de infortúnio, de ascensão social, de consolidação territorial, voltados quase sempre para a defesa dos interesses, da segurança e integridade física dos seus membros*. Contudo, e de forma muito relevante, ressalta ainda o autor anteriormente referenciado que, dos documentos compulsados em função da pesquisa por ele empreendida, não se pode extrair sequer a idéia do uso de *técnicas corporais inerentes à capoeira* no decorrer dos confrontos grupais citadinos efetivados pelas maltas de capoeiras.

Oportunamente devemos ainda apresentar a caracterização das referidas maltas enquanto regimento interno de indivíduos, sendo que para tanto tal organização adotava certa configuração hierárquica e funções definidas a cada grau dessa pirâmide, configuração esta que denotava rigidez e se pautava em alguns princípios comunitários ou valores sociais, tais como: *solidariedade, lealdade, prudência, bravura, valentia, coragem, respeito às normas e aos níveis hierárquicos*.

Nos permitindo um pequeno salto cronológico, avistamos já o século seguinte em suas primeiras décadas, quando da dicotomia da capoeira em estilos Angola e Regional, momento em que esta configuração grupal se apresentava distinta das conformações historicamente aludidas e também das estruturas hodiernas dos grupos de capoeira, bem como de outras dinâmizações empreendidas através desta expressão, nesta concatenação esboçar-se um novo indivíduo praticante desta expressão, diferenciado então do *capoeira* ou *capoeiro* adepto da *capoeiragem*, sendo este o capoeirista, contemporaneamente enquadrado às condições social, política e cultural da nova realidade que apresenta o nosso objeto de discus-

¹⁶ A ação isolada de indivíduos, ou de grupos de indivíduos turbulentos e desordeiros, que praticam ou exercem, publicamente ou não, exercícios de agilidade e destreza corporal, com fins maléficos ou mesmo por divertimento oportunamente realizado. (Araújo, 1997).

¹⁷ Bretas (1991).

são, cooptado enquanto exercício de defesa-pessoal, ou expressão de caráter lúdico, ou desportivo, o que contribui sobremaneira para a difusão e aceitação social dessa prática como elemento do arcabouço cultural brasileiro.

Até o fim da primeira metade do século XX é possível constatar, através da literatura sobre a capoeira e nas associações que tiveram como liderança o Mestre Bimba e Mestre Pastinha¹⁸, os motivos que decorreram para as suas constituições se apresentarem idênticas, primeiramente, aos fatores religiosos, de infortúnio, de integridade física dos seus membros, lúdicas, e por fim comerciais, não sendo este último, o fator principal.

Contrariamente, os grupos que se foram constituindo após a difusão destes estilos em todo o território brasileiro por ex-integrantes dos grupos dos mestres Bimba e Pastinha, se constituíram a partir do ideário dos indivíduos considerados os líderes destes agrupamentos em edição atualizada, evidenciando-se em primeiro plano os motivos de cariz comercial, independentemente da presença dos motivos relacionados à difusão cultural e da expressividade lúdica da capoeira, e em nada se aproximando das características constitutivas dos grupos referenciados para o século XIX e para a primeira metade do século XX.

Atualmente, nestas tais representações de brasilidade dos capoeiristas em seus grupos, independente dos seus estilos, vê-se introduzindo um sentido quase obrigatório e ainda um tanto velado, uma certa carga de espiritualidade entre seus adeptos, que ronda os arranjos de verdadeiras seitas ou confrarias, em sentido doutrinário. Desprende-se também desse arroubo em direção às mentes mais prosélitas a argumentação da existência de uma tal *filosofia* da capoeira – luta de resistência – de forma a validá-la socialmente perante outras expressões de luta, independentemente do reconhecimento de seus valores enquanto expressão de cultura e não enquanto grupo de pessoas, que buscam inconscientemente na configuração anacrônica das maltas, uma justificativa para sua fictícia vertente filosófica, quiçá em arre-

medo a outras manifestações agonísticas que reservam códigos de conduta basilares ainda voltados à sua função original, difundidas mundialmente e constituídas de elementos filosóficos consistentes.

Para além dos aspectos que consubstanciam o entendimento da existência de uma comunidade que expressa física e culturalmente uma das emanções mais representativas de brasilidade no mundo, cogitamos sobre a atual deturpação do que seriam meras opções de crenças individuais de ícones desta expressão em outros tempos, para o que transformou-se falaciosamente em argumentação para a vinculação do misticismo a esta prática de expressão corpórea e ainda adolescente em busca de sua pedra filosofal, visionada pelos ícones contemporâneos aos nossos dias.

Estes indivíduos assumem certo *status* e pertinência para a expressão capoeira que vão além de seus propósitos sociais, culturais e educacionais, os quais por si já atribuem à mesma grande relevo expressivo e função social, sendo esse novo cariz o móvel da pandemia de uma original expressão de luta¹⁹ que avança por corações e mentes num formato doutrinal, fazendo-se latente nas expressões corporais e verbais e no *modus faciendi* de indivíduos dos sexos masculino e feminino, nos diversos ciclos da vida, na excelência de suas possibilidades físicas e cognitivas, no Brasil e em Portugal, dentre outros países, e em suas especificidades sócio-culturais.

No específico do indivíduo comum praticante da capoeira, além da prestação de reverência que deve a seu mestre, fá-lo também em relação à própria modalidade sobre a qual impõe-se hodiernamente uma áurea surrealística que, além de relegar a planos secundários a prática do exercício físico em si, insinua um poder curativo para o *espírito* e certo ar de mistério advindo da modalidade em questão. Como exemplo disso perpetua-se a dicotomia entre os estilos de capoeira Angola e Regional, aos quais na falta de explicação lógica e coerente para supostas dessemelhanças entre ambas, de forma a distingui-las e separá-las, lhes

¹⁸ Representante mor do estilo de capoeira denominado Angola.

¹⁹ Araújo, 1997.

são emprestadas referências de cunho esotérico. Neste contexto místico encontramos sujeitos de graduação inferior e mesmo graduados mestres, mas que *não se sentem capoeiras, por ser este um estado superior*, bem como encontramos outros capoeiristas que atribuem à sua prática cotidiana uma emanção superior e divina que lhes permite o poder de *cura, de viajar no tempo, de vibração, de arrepios, uma maneira de se ver o mundo, muito axé, magia da roda, uma oposição entre Angola e Regional*, pois que na primeira se *joga com mais fé*.

Acerca das sensações e estados de espírito retro descritos, ora referidas ao indivíduo, ora ao ambiente/grupo/estilo, podemos ainda inferir que, subliminarmente justificadas enquanto etéreas e misteriosas por seus protagonistas, do panorama da Psicologia, justificam-se conforme o entendimento de fluidez, de fluência ou ainda o estado de fluxo os quais referem-se às *experiências ótimas* de um indivíduo, as quais *geralmente envolvem um fino equilíbrio entre a sua capacidade de agir e as oportunidades disponíveis para a ação*²⁰, que nas atividades físicas e desportivas executadas com motivação, prazer e conhecimento técnico, conduzem o praticante a um estado de envolvimento e absorção total denominado em Psicologia do Desporto por *flow felling*²¹ correlacionado ao nível de ativação para a realização da tarefa, em panorama multidimensional, o qual inclui, dentre outros, a concentração, por exemplo.

Tal entendimento acerca da sensação de *flow* pertinente à atividades físicas em geral e não só específica para a capoeira coeva, a qual se faz acompanhada de música, vemos confirmadas nossas inferências acerca do estado psicológico que toca os capoeiristas em sua ação e sobre o qual os mesmos aduzem diagnósticos embasados em senso comum e certa dose de fanatismo.

Ainda sobre o elemento rítmico da expressão capoeira, faz-se oportuno um adendo, que refere de sua introdução também cronologicamente contemporânea, a partir do registro da incorporação do berimbau no âmago deste jogo/luta pelos idos da década de quarenta do século XX²², fato este que também corrobora a necessidade de desmistificação de certos *mistérios* e *mitos* que se avolumam e se perpetuam sobre a capoeira, produtos do imaginário de alguns e da pouca competência de outros em interpretar a oralidade captada entre os mestres de capoeira, efetivada pela inexistência do confronto de tais discursos a documentos de várias qualidades existentes, ora por *respeito à fala desta enciclopédia viva – o mestre da velha guarda* –, ora por pura comodidade.

Aliado ao componente musical da capoeira, que faz com que o indivíduo praticante sinta-se intrinsecamente motivado, auto-consciente, alegre, envolvido, absorto, concentrado, animado, mais saudável, com sensações de cansaço diminuídas²³, entre muitas outras manifestações de *flow*, sensações que o capoeirista quer ver sempre reproduzidas, tornando-se então, adepto desta prática por muito tempo, há também a componente social, de importantíssima relevância individual e de caracterização essencial para a capoeira, a qual decorre da formação de seus grupos e o que propicia também ao indivíduo capoeirista uma sensação de fusão com a atividade e com o ambiente – no caso, o seu grupo de capoeira.

A configuração grupal da capoeira e a música ambiente proporcionam, além das vantagens já apresentadas, uma certa facilitação na execução dos movimentos em função da sensação de fusão do capoeirista com a sua modalidade, como já fora mencionado, fazendo aumentar os afetos positivos, e conseqüentemente, influenciando o comportamento dos praticantes conforme os rit-

²⁰ Csikszentmihalyi, 1999.

²¹ Samulski, 1995.

²² Araújo, 1997.

²³ Miranda; Godeli, 2002.

mos entoados, mais lentos ou rápidos e os seus sentidos implícitos²⁴ de meditação, de demonstração de destreza, entre outros. A estimulação ambiental provocada pela utilização da música propicia ao capoeirista atingir um nível de ativação ótimo para esta modalidade, confluindo para boa qualidade de resultados técnicos e afetivos, o que alimenta a coesão grupal.

A avaliação subjetiva que os capoeiristas fazem das sensações que a prática da capoeira lhes proporciona, além da concepção psicológica do *estado de fluxo* então abordadas, podem também ser enquadradas conforme a categorização de Roger Caillois²⁵ no que este autor refere como *lilinix*, que sumariamente poderá ser entendido pela *perturbação provocada pela vertigem*, sensação esta de *transe* e de desprendimento da realidade provocada por certos jogos e procurada por seus praticantes pelo próprio estado de êxtase prazenteiro que deles emanam, citando como exemplo as acrobacias, movimentos repetitivos ritmados pelo toque de um tambor, os giros, dentre outros,

e muito significativamente refere-se este autor também às lutas como potenciais *lilinix* em função da *busca desse distúrbio específico* da vertigem.

Sendo assim, indagamos sobre esse cariz doutrinário que ora impregna o meio da capoeira, o qual não estabelece limiar entre o etéreo e o ritualístico, e nem explica um e outro convenientemente, fazendo por permanecer a crença nas relações de causa e efeito, em superstição, e numa reverência ao mestre, supostamente o obsequiador de toda a vertigem que a capoeira proporciona a seus adeptos, que é por eles entendida como algo de sobrenatural. Questionamos a função dessa nova *doutrina* e os seus efeitos no universo dos capoeiristas no Brasil e fora dele, acreditando ser no mínimo intrigante a força de emissão de tentáculos desse *polvo* brasileiro, suposto que venha encaixar-se aqui a constituição doutrinária dos grupos de capoeira, a qual faz permanecer a mente do indivíduo mesmo distante do centro de poder, o mestre dono do grupo, envolvida e drasticamente comprometida com aquele mundo singular.

²⁴ As questões dos ritmos musicais na capoeira ainda não foram discutidos com a devida relevância e rigor, por isso nos abstermos de citar os nomes para os toques de berimbau, os quais são utilizados pelos capoeiristas por não terem sido ainda estabelecidos os padrões rítmicos de cada um, ou ter sido averiguada qualquer dessemelhança entre os mesmos, as quais os diferenciariam significativamente. No tocante aos seus sentidos implícitos, os capoeiristas possuem códigos simbólicos de comportamento perante as letras cantadas na roda de capoeira, que além dos exemplificados neste texto, podem outros também assumirem conotação negativa de incitação à violência, conforme tratei em meu estudo de mestrado, do ano de 1999.

²⁵ Os jogos e os homens – a máscara e a vertigem, 1990.

3 – O Brasil e o mundo

Do voo alçado até então via asas desse ensaio, e a sua pretensão de enquadramento da capoeira contemporânea aos dias atuais, o que sumariamente poderemos reunir nos tópicos referentes à concepção da nova técnica desta luta e sua permissiva flexibilidade, a qual interfere sobremaneira no processo de consolidação da mesma e na conformação grupal do seu modelo matriz-filial, a qual fomenta uma interdependência que extrapola a questão técnica ou do conhecimento, e do seu caráter místico que assola cegamente os capoeiristas de nossos dias, caráter este emanado do conjunto de idéias propaladas pelo mestre, concorrem substancialmente para a configuração da capoeira no Brasil, e que neste mesmo formato é exportada para o mundo.

Consideramos terem e serem os tópicos anteriormente referidos, o fio condutor e mantenedor da influência e propagação da força controladora do mestre por toda a sua rede de *filiais* dentro e fora do Brasil, estimulada principalmente pelo *carisma* e capacidade de liderança de um, por mais grotesca e autoritária que esta possa parecer, e pela incapacidade crítica de outros em se deixarem cooptar enquanto meros *discípulos* sem personalidade, envolvidos atualmente pela ficção da mística da capoeira, a qual deixa desprender de sua fundamentação, uma causalidade quase supersticiosa ou da crença na causa e efeito, como por exemplo, na argumentação relativa ao *respeito ao mestre*, mesmo que esta relação obedeça somente a uma via: de baixo para cima.

Os vínculos afetivo, comunitário e místico que movem os capoeiristas em grupos é bastante facilitador da circulação livre de questionamentos do seu líder principal, por territórios das relações sociais afins e outros impróprios ao desenvolvimento do ensino-aprendizagem-treinamento da capoeira, de maneira que possibilita também o significativo ampliar de seu patrimônio de filiais pelo Brasil e além-mar, pois que o mesmo conta com imediatos fiéis e competentes na sua missão de *divulgar a capoeira e a cultura brasileira* pelo mundo e por fim os ideários dos donos dos grupos – os mestres.

Entretanto, a notória preferência dos capoeiristas em fixarem-se na Europa, contraditoriamente à falta de interesse pela África e por países *em desenvolvimento*, sendo o território africano, segundo o discurso de alguns estudiosos e mestres, o *berço da capoeira*, sugere-nos outra compreensão para a extensão desse cordão umbilical místico em seu mais recente objetivo de *divulgação* da cultura brasileira.

As questões de preferência geográfica vão além, obviamente, das discussões ideologizadas que os próprios capoeiristas alimentam, na ânsia de manter aspectos valorativos de si próprios e da capoeira, de ordens racial e *histórica*, que aos mais desavisados, ainda poderá causar certo vacilo frente aos seus discursos impregnados, e que os europeus denominam *ânsia de extravasamento em decorrência da subjugação imposta* quando da colonização do Brasil, ao tratarem de aspectos tais como a violência na capoeira, de forma a legitimar o discurso desse sentimento incessante do oprimido.

Tal justificação, tanto para o discurso dos capoeiristas quanto para o entendimento que alguns europeus (e muitos brasileiros) têm para o posicionamento da *vítima social*, torna-se inconsistente através da constatação do grande número de grupos de capoeira e de elementos capoeiristas que circulam pelo Velho Continente, impulsionados por motivos que não sobrevivem a tanta paixão histórica, pois que os próprios pouco ou nada sabem de sua realidade, tais como, e principalmente, o componente econômico que esta nova situação implica; a elevação do *status quo* perante seu grupo de representação e perante a sociedade em geral, lembrando que a capoeira é mola propulsora e muitas vezes única para a progressão social de muitos indivíduos; e finalmente, a possibilidade de ser discípulo, ou seja, de ser *quase* o mestre, quase o *outro*²⁶, de ser o mais verídico representante do dono do grupo franqueado em terras estrangeiras.

Ainda no tocante à situação espacial da capoeira hodierna, devemos considerar que os Esta-

²⁶ No sentido de deixar-se de ser a si próprio para assumir a personalidade (e o poder) de outrem.

dos Unidos da América, um dos primeiros países estrangeiros a receber praticantes dessa expressão com intuitos de permanência, hoje decretam seriíssimas restrições à sua imigração. No tocante à África, a suposta *mãe* da capoeira, aspectos tais como a guerra em nada favorecem a permanência de capoeiristas naquele solo, além do que, não seria viável, nem sequer interessante do ponto de vista econômico este processo migratório que na atualidade apresenta condições menos satisfatórias do que as encontradas no Brasil.

Quanto aos países denominados por *nações em desenvolvimento*, percebemos certo desinteresse dos propaladores desse quase movimento *capoeira para todos*, em virtude quicá da contrariedade de possibilidades as quais apontamos em relação à Europa. Porém e em função de alguns poucos, a necessidade de demarcação territorial faz com que mestres de grupos com significativo contingente de praticantes, enviem representantes seus para regiões menos expressivas no contexto econômico mundial, mas que lhes garantam a doma de mais um *feudo*.

3.1 - Do Brasil para o mundo: configuração e dinâmica

Ao abordamos a configuração contemporânea dos grupos de capoeira e identificá-los sob a óptica econômica que regulamenta tal conformação, entendemos por bem caracterizar tais relações como as do modelo das franquias, símbolo mor do capitalismo que sistematiza as relações econômicas de grande parte do mundo e que pode ser entendido como:

*O sistema pelo qual o franqueador cede ao franqueado o direito de uso da marca ou patente, associado ao direito de distribuição exclusiva ou semi-exclusiva de produtos ou serviços. Eventualmente, o franqueador também cede ao franqueado o direito de uso de tecnologia de implantação e administração de negócio ou sistemas desenvolvidos ou detidos pelo franqueador, mediante remuneração direta ou indireta, sem ficar caracterizado vínculo empregatício*²⁷.

É este o sistema relacional econômico adotado por muitos grupos de capoeira quer no Brasil

quer no exterior, quando as suas *filiais* pagam às *matrizes* uma prestação financeira acordada no espaço de tempo que lhes convier (bimestral, semestral, anual e outros) e tendo como referência de cálculo o número de alunos pelo grupo afiliado. Outros aspectos sobressaem desta configuração econômica, destacando-se a distribuição do grupo *matriz* de produtos diversos, quando se evidenciam roupas, calçados, instrumentos musicais, material literário, discos compactos de músicas, dvd's, dentre outras coisas, para serem comercializados pelos responsáveis diretos e alunos dessas filiais, obviamente com um quinhão reservado não ao grupo original, mas para o dono da matriz.

Entretanto, apesar de explícita essa forma de negociação e de motivação para as relações entre os indivíduos capoeiristas, a banalização deste modelo relacional é facilmente assimilada entre eles pelo poder carismático e autoritário dos líderes em questão. Amparados por dolosas filosofias *da capoeira* e do grupo, e pelo iminente cariz de doutrina entre eles, o mestre líder e mentor do grupo impinge o não questionamento às suas atitudes, através de falácias que traduzem uma imagem de um ser realmente divinal e impoluto. Nos dias de hoje, a capoeira assume assustadoramente um caráter doutrinário e comercial, completamente estranho ao seu cunho agonístico corporal e ao seu cariz cultural, que são relevados a planos secundários.

Outrossim e como já fora de passagem referenciado neste ensaio, o avanço ultramarino dos capoeiristas em uma órbita colonizadora mesmo que apoiada em discursos manifestos acerca da *divulgação da cultura brasileira e da capoeira* pelo mundo, implica intrinsecamente num sistema bastante organizado de interdependências claras, contudo ainda inexpugnáveis para a parcela inferior dessa pirâmide hierárquica rígida e de conformação rudimentarmente patriarcal. Ou seja, observa-se que o fenômeno de expansão da capoeira tanto a nível nacional quanto a nível internacional é bastante claro para os donos dos grupos, que entendem tal configuração como um grande ne-

²⁷ SEBRAE, disponível em www.sebrae.com.br, acesso em 30/05/2005. No Brasil, as franquias encontram respaldo legal na *Lei 8.955*, de 14/02/94.

gócio financeiro e por uma incessante luta com vistas à projeção pessoal não só em seu pequeno universo, mas também nos âmbitos para os quais não manifestam competência, tais como o acadêmico e o da saúde²⁸, por exemplo, dentre outros.

A configuração dessa rede de relações prioritariamente *cultural* dá-se de forma inequívoca, agudamente estratificada e apoiada em dois pontos-chaves para a sua existência, permanência e progressão, correlacionados e conseqüentes um ao outro: o sistema econômico de organização da rede e a conseqüente falácia de uma *tal filosofia da capoeira* que, como éter, embevece o raciocínio dos adeptos dessa prática hodiernamente tão mistificada, ritualista e rica em espetaculosidade, e a cada dia que passa, menos expressiva corporalmente conforme a sua essência de luta, aspectos os quais cremos permitirão a sua sobrevivência nos tempos de hoje.

Economicamente traçada a carta de objetivos dos capoeiristas colocados no ápice da pirâmide hierárquica dessa prática corporal, e conforme a propalada *tradição da capoeira* que os mesmos reinventam paulatina e constantemente, entendemos ser necessária uma melhor clarificação dessa forma organizacional. Neste caso recorreremos ao modelo matriz-filial já apresentado neste texto, ambas possibilitando dois níveis de inter-relação entre si: da matriz em toda a sua extensão de filiais e em observância aos regimentos tácitos estabelecidos entre ambas, e as relações entre todas filiais em direção à matriz cunhadas pelo mesmo regime retro referido.

Obviamente que as filiais são essenciais ao desenvolvimento da matriz, mais especificamente, do reitor da matriz e de alguns de seus relacionamentos pessoais mais imediatos, desenvolvi-

mento este que dar-se-á a qualquer preço e sob qualquer argumento *filosófico, cultural, tradicional* ou mesmo *místico* que o valha e que norteie o objetivo principal do desenvolvimento em panoramas nacional e internacional.

Neste movimento expansionista observam-se outras formas de incremento para o auto-desenvolvimento dos grupos de capoeira, em sua configuração matriz-filial, sendo estes emanados dos aspectos técnicos²⁹ aqui já referenciados, como também da produção de bens de consumo relativos à esta manifestação e a sua conseqüente comercialização, dentre outros, sendo a modalidade de marketing mais expressiva no momento a organização de eventos lúdico/desportivos e arremedos de encontros técnico-científicos sobre capoeira, os quais, quando abordam em seus programas aspectos de relevância para uma discussão de temas atuais e/ou históricos, apenas limitam-se à exposição de visões de mundo e relatos de experiência de seus convidados a palestrar, exaustivamente repetidos neste tipo de evento, não trazendo nada de novo para os aspectos referidos, e igualmente, inviabilizando debates comprometidos com a compreensão, difusão e desenvolvimento desta prática social, quer no Brasil quer no exterior.

E em relação às reuniões organizadas pelos capoeiristas, as quais norteiam-se por objetivos vários, tais como os de transmissão de elementos ritualísticos próprios da iniciação da pessoa no mundo da capoeira e dos processos de graduação, os mesmos reúnem-se também, conforme já fora assinalado, para realizar competições desportivas, encontros e festivais, os quais, apesar de sugerirem alguma vertente de conhecimento teórico, refletem sempre o caráter técnico e utilitário de tais reuniões, no sentido do fortalecimento

²⁸ Os capoeiristas vangloriam-se por promoverem melhorias na qualidade de vida de indivíduos portadores de deficiências físicas e mentais, sem contudo demonstrarem experimentalmente em qual grau e sob qual método de intervenção promoveram tais alterações psicofisiológicas nesses indivíduos especiais, os quais além de exigirem uma abordagem também especial e em conformidade às suas necessidades, simplesmente por saírem de um estado de sedentarismo e por passarem a conviver mais socialmente podem manifestar algum ganho em algum âmbito dos aqui referenciados, sem contudo dever-se tal avanço exclusivamente à prática da capoeira, mas o que ocorreria também em relação à prática de qualquer outra modalidade física e/ou desportiva, conforme a abordagem aqui já registrada de Tubino (1993).

²⁹ Entenda-se por aspectos técnicos todos os referentes à própria técnica em si, bem como as metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento, de avaliação para a progressão hierárquica, e também a extensão vertical da pirâmide gradual do grupo em específico, o que varia substancialmente entre eles.

de laços comunitários e de homenagens aos nomes mais sonantes da modalidade no momento, os quais, só por sua presença e pelo cumprimento de *condições* para estarem nos referidos eventos, quando não palestram, não têm outra função que não a de simplesmente estarem e serem vistos pelos participantes de tais encontros. Cabe também esclarecer que apesar do cunho desportivo desenvolvido nos mesmos, muitos deles decorrem à revelia da intervenção do poder instituído e institucionalizado para a modalidade, sendo contraditoriamente negado pelos próprios capoeiristas, conforme a conveniência da ocasião, o cariz desportivo dessa expressão, em visão minimalista da cultura e da sociedade, como se o desporto também não fosse manifestação e fenômeno cultural.

Entendemos que esta condição grupal de matriz e filial e o contexto *filosófico* e *místico* que contemporaneamente movimentam a capoeira também além-mar, são elementos peremptórios para o entendimento das questões por nós sugeridas no início deste ensaio, ou seja, são pré-requisitos para o estabelecimento de *feudos* internos no Brasil e para uma *colonização* de exportação com vistas ao mercado externo, admirando-nos o mecanismo adotado pelos donos dos grupos de capoeira, ao utilizarem-se do modelo das franquias do sistema capitalista, o qual tem suas raízes no colonialismo, e este por sua vez, no escravismo, negando tal condição em seus discursos ideologizados, por somente lhes interessar a massificação das idéias e a incapacitação crítica por parte de seus seguidores, de forma a facilitar a implantação e o desenvolvimento de engrenagens anacronicamente feudais e escravistas em seu meio, usadas em nome de uma tal *tradição da capoeira*, a qual sugere a manutenção do vínculo mestre/discípulo, como uma relação hierárquica que sempre existira no âmago desta ex-

pressão.

Estas inferências partem dos pressupostos aqui já abordados tais como a flexibilização permissiva das técnicas da capoeira, a sua conformação grupal e o seu it místico, tão providencial em tempos como os de hoje e para pessoas carentes de tudo. Especial e gravemente, podemos ainda referenciar que *carregar* e *defender* o grupo significa na maioria das vezes trabalhar compulsoriamente para o seu dono como forma de *estreitamento de laços*, de demonstração de *merecimento* por uma nova graduação, pela aproximação afetiva que se estabelece quando o mestre do grupo torna-se o *melhor amigo*, o *pai*, o *companheiro*, o *guru*, dentre outros tipos de relação que daí poderão emanar, e que, considerando-se a avassaladora maioria dos mestres de capoeira pertencentes ao gênero masculino, tais relações poderão decorrer tanto entre homens quanto entre homens e mulheres³⁰.

As justificações que fortalecem os laços relacionais no contexto da capoeira, além das já trazidas ao lume, perpassam também pela necessidade do crescimento do grupo, em número de adeptos, o que lhe confere notoriedade e presunção de qualidade técnica. Para os sujeitos pertencentes a tais grupos, o *status* do mesmo passa a ser o seu próprio *status*, fazendo então que eles sintam-se importantes nesse âmbito de sua vida, que em muitos casos se torna o único. Sendo assim, o recrutamento dos *guerreiros* que irão contribuir pessoalmente para a disseminação do nome de certo grupo pelo mundo, dá-se pela avaliação subjetiva de seu mestre, pautado em valores que são representativos para si de fidelidade e obediência plenas para o cumprimento da primeira fase dessa *feudalização*, de forma a preservar a posse de territórios contra outros *exploradores*. São estes servos que irão para outras regiões do Brasil e do mundo *defender* o seu grupo, não nos sendo pos-

³⁰ Além da exploração do trabalho, como já fora aventada, deve-se ressaltar que também a componente psicológica das relações entre os capoeiristas poderão concorrer para outros tipos de exploração, de cunho afetivo ou sexual, tal como refere Brackenridge (2000), acerca de comportamentos abusivos por parte dos líderes ou treinadores no desporto em geral, quando refere que os mesmos adquirem a confiança do(a) atleta não só por oferecerem prêmios tangíveis tais como progressão hierárquica, honras, etc., mas também por serem eles quem educa e protege o(a) atleta em um relacionamento parecido com o dos pais, possibilitando uma mistura de disciplina e afeição sobre a qual o(a) atleta gradualmente se torna confiante.

sível precisar sob qual apoio do dono do grupo matriz, mas tendo conhecimento de que a passagem do líder máximo, sistematicamente pela filial, é líquida e certa, e que para isso, o responsável pela última deverá responder financeiramente por todos os custos que demandarem tais deslocamentos e, conseqüentemente, os serviços prestados por tão honrosa personalidade.

Essas posturas adotadas entre os capoeiristas no movimento intrínseco e extrínseco de demarcação espacial, impõem nova órbita aos aspectos abordados neste ensaio, nos tópicos dos *aspectos técnicos* e da *conformação grupal*, sendo que, em relação à exportação da capoeira, apresentam-se ricos detalhes. Entretanto, podemos inferir que no primeiro momento em que os capoeiristas tinham por objetivo somente demarcar espaços nacionais, seu objetivo era o da posse e do poder que adviria destes *protótipos feudais*, utilizando-nos então, do entendimento de que poderemos focar a expansão da capoeira pelo mundo em pontos bastantes próximos a de uma colonização, sem contudo e necessariamente preservar uma lógica pura.

Numa outra categoria de formação de *colônias*, quiçá o segundo momento, quando dos vãos internacionais, a questão passou a ser enriquecida por componentes de *exploração*, talvez estimuladas pelo prazer da conquista e do visionamento da lucratividade iminente exalada do *mercado externo*. Assim sendo, podemos arriscar a dizer que no momento, a capoeira mundial está em sua segunda fase, após a *ocupação* e saciedade da demanda interna brasileira. Contudo, o processo não é tão linear quanto o parece, e surpresas culturais aguardam nossos *bandeirantes*, fora do Brasil. Barreiras de controle da imigração aprimoram-se a cada dia, e o capoeirista brasileiro, na maioria das vezes, fugitivo da situação econômica de seu país e crente de visualizar o éden e de apresentar individualmente atrativos culturais *congénitos* suficientes para a sua sobrevivência, parte para a Europa, onde pode encontrar realmente o sucesso, mas onde

também encontrará dificuldades impensadas.

As soluções para tal quadro são as mais elementares, tais como nos informa Aceti³¹, sendo que, uma das primeiras intempéries relativas à categoria da exploração, será a da sobrevivência em terras estrangeiras, o que na maioria das vezes ocorre na clandestinidade, sustentada pela féria produzida em apresentações de rua, concomitantemente à abertura de uma *academia de capoeira*, para o que em alguns casos lhe será atribuído o visto de trabalho endossado por Instituições Culturais afins, ou de outra maneira, casando-se, e rumando para o que denomina essa autora suíça de *demarcação de seu território*, ou fase da ocupação, seguida a *posteriori* pela emancipação do grupo ou academia de capoeira, crescendo em número de freqüentadores e, quiçá, fazendo brotar outras filiais, o que nos permite tais comparações ao formato colonizador desta expansão, e que ainda guarda a semelhança de favorecer somente o centro explorador.

É esta capoeira, assim conformada entre os grupos brasileiros, que é *exportada* para o mundo, e é neste panorama internacional que se observa mais detalhado o modelo *colonizador* adotado pelos mentores dos grupos de capoeira auto-conceituados por *grandes grupos*, isto em decorrência do significativo número de adeptos que apresentam, e mais contemporaneamente, auto-denominados de *formadores de opinião*.

Seria pois de se considerar a franquia como mero e aceitável modelo econômico de relação entre os capoeiristas mundo afora, não fosse implícito o seu caráter *feudal*, o controle psicológico das mentes dos capoeiristas em função da manutenção do poder dos mestres de capoeira, os quais atualmente assumem sua porção *mística*, que, além da função abordada neste ensaio, faz ainda ser preservado o seu *status quo*³², até quando sua expressividade corporal já não disser tanto acerca de seu dom carismático.

³¹ II Congreso Internacional de luchas e juegos tradicionales, 2005.

³² Como por exemplo, na citação de Sousa (1998), que traduz que o mestre é uma figura que impõe muito respeito pela sua bagagem, é um dicionário vivo, que viveu num tempo difícil... o mestre está cansado, está velho, ele vem mais é pela sua presença.

Paradoxalmente a esta parafernália de contra-dições e *tradições*, a capoeira carimbou seu pas-saporte e anda por terras estrangeiras represen-tada pelos filhos da *pátria mãe gentil*, os quais atribuem a si e a mais ninguém o direito e a prerro-gativa de serem mestres ou graduados do alto da pirâmide hierárquica da capoeira, caso algum es-trangeiro³³ acaricie tal ilusão.

Contudo, outras crises se avizinham mesmo a nível internacional, ora por iniciativa dos adeptos dessa prática cultural brasileira, ora por iniciativa

da tentativa do poder central da capoeira em forma de federação internacional. A mentalidade e a forma de ver o mundo do estrangeiro é obviamente diferente da do brasileiro, e os capoeiristas mais uma vez devem adaptar-se a este contexto para a sua sobrevivência, e adaptar a capoeira a este novo público-alvo, quando mesmo aspectos de foro técnico são questionados e transmudados pelos capoeiristas estrangeiros, fazendo dessa prática de luta alienígena para eles algo mais palatável e justificável.

³³ Poderíamos estabelecer certa correlação de idéias neste sentido economicista de organização da capoeira com o que Novais (1975) classificou por exclusivo comercial: o qual, em modelo de colonização de exploração reserva exclusividade comercial, sendo que no caso da capoeira o exclusivo comercial remete-se à difusão da capoeira no exterior do Brasil somente permitida aos brasileiros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado da arte objeto deste ensaio foi aqui retratado com referências aos seus *estilos* – Angola e Regional –, e subestilos decorrentes das ditas facções, tratando-se também do aspecto formativo dos tais grupos e suas tendências filosóficas, ópio para a configuração econômica e sectária da expressão em causa, do processo de transmissão do conhecimento via ensino-aprendizagem-treinamento, e das questões técnicas não discutidas pela literatura consultada e pautada na prática de forma empírica pelos capoeiristas contemporâneos.

Em relação à estrutura e dinâmica que permitem à capoeira estabelecer-se de forma avassaladora no Brasil e fora dele, poderíamos prontamente responder que suas características ritmo-melódicas e sua beleza plástica falam por si, o que não seria de se enganar. Contudo, aprendidos tais *segredos* da capoeira, argüimos sobre o que ainda permite manterem-se os laços individuais presos ao grupais ou comunitários tanto a nível nacional quanto internacional.

Buscamos então desmistificar o fio condutor e mantenedor das relações intra e intergrupos de capoeira os quais estão sediados no Brasil e que também apresentam suas *filiais* nele e pelo mundo a fora, fio este revestido de certo cariz doutrinário que transgride as funções e objetivos da expressão em causa, mas que servem aos objetivos das mentalidades situados no ápice da pirâmide hierárquica dos grupos de capoeira – os seus mestres.

Esta conclusão estrutura-se sobre o conceito da rede configuracional de Elias (1970) e as relações de interdependência que nela se estabelecem, o que na capoeira ainda é percebido somente por um lado desta relação, o lado mais frágil a princípio, interdependência esta, que determina a capacidade de mutabilidade deste grupamento de pessoas, pois que as relações estão centradas no indivíduo, na pessoa e não na *coisa* ou objeto de especulação – a capoeira, apesar de os discursos manifestos induzirem os pensamentos a esta formalidade técnica.

No tocante aos aspectos técnicos da capoeira, enquanto estrutura desta expressão, entendemos que a variada flexibilização do rol de movimentos e golpes da capoeira, sob a argumenta-

ção de uma melhor técnica ou eficiência, nos dias de hoje serve para a dissimulação de tendências meramente estéticas ou plásticas de uma capoeira espetáculo e de grupos de espetáculo, que disputam entre si através de performances ginásticas e acrobáticas, que em nada se vão efetivar enquanto expressão de combate, e funcionando também como demarcador simbólico do indivíduo que passa a fazer parte de um grupo, e a ser confundido como mais um repetidor de uma mensagem corporal e verbal de uma entidade e não de sua própria pessoa, o que traduz certo quê padronizador nessa nova dinâmica, em que o próprio indivíduo é a propaganda do grupo matriz.

Relativamente à sua estrutura grupal, concluímos que o modelo capitalista adotado pelos capoeiristas contemporâneos para administrarem suas matriz e filial, tem trazido certa aceleração à dinâmica prolífera da capoeira, no Brasil e no mundo a fora. Contudo, deve-se ressaltar a constante inquietação que o discurso manifesto pelos capoeiristas, que pregam a liberdade dentre outros valores nobres, cria perante o implícito e contraditório *modus faciendi* dos mesmos, acelerando também o descrédito em suas palavras e vivência por parte dos que vêem os grupos de capoeira de seu exterior, fazendo crescer e se aprofundar o discurso pautado por um senso comum que impera na capoeira

Inferimos que a inexistência de uma abordagem lícita acerca de uma possível adoção de filosofia para a capoeira, é deturpada pela ignorância dos valores subjacentes a tão relevante questão, e que, sumariamente é tratada no ambiente capoeirístico como meio de controle social a nível das mentalidades e de subalternidade, permeado por autoritarismo e pouco ou quase nada imbuído de uma educação do indivíduo capoeirista.

Observamos no decorrer do texto que situações de standardização dos capoeiristas em sua movimentação relativa a esta prática, quer como componentes de um qualquer grupo, quer como pessoas, tornou-se prática corrente neste meio permeado por discursos denominados por *filosofias* e que subliminarmente buscam vigiar os comportamentos de seus seguidores. A capoeira contemporânea aos nossos dias é, portanto, sobrecar-

regada de mecanismos de controle da pessoa, concorrendo para tal efeito crescentes e assustadores artifícios em forma de ideologias, doutrinas, dogmas e mística.

Em especial e voltados ao nosso prisma de Educação Humana através da educação do movimento e pelo movimento, cumpre ressaltar que a capoeira, enquanto meio para o cumprimento de nossos programas escolares ou acadêmicos, deve ser destituída de toda essa parafernália filosófica, dos comportamentos grupais específicos à expressão em causa, bem como de sua hierarquia e da concepção dos *estilos* e dos *modismos* relativos aos seus movimentos e golpes. Entendemos este riquíssimo objeto como um elemento a mais para a

Educação Física, e que seus atributos falam por si enquanto movimento corporal, expressão cultural, luta e desporto.

Quanto ao seu movimento de ida em relação ao mundo que se vê do Brasil, acreditamos que a consolidação dos anseios de divulgação da cultura brasileira por parte dos capoeiristas dá-se em franco sucesso, contudo e obviamente permeado pelas exigências de adaptação que esse mundo novo impõe, tanto a nível social quanto cultural, o que faz permanecer na capoeira a sua indestrutível capacidade de adaptação e de dinamização, independentemente da mesma capacidade esperada dos seus difusores: os capoeiristas.

Bibliografia

ACETI, M. El juego de capoeira: una forma de interacción com una fuerte significación simbólica. In **II Congreso Internacional de luchas y juegos tradicionales**. De 7 a 10 de Dezembro de 2004, Puerto del Rosário – Fuerteventura, Islas Canárias – España. **Dimensión histórica, cultural y deportiva de las luchas**. Fuerteventura: Cabildo Insular de Fuerteventura, 2005. p. 161-170.

ALMEIDA, R. C. A. **A saga do Mestre Bimba**. Salvador: Ginga Associação de Capoeira, 1994.

ARAÚJO, P. C. de. **Abordagens sócio-antropológicas da luta/jogo da capoeira**. Série Estudos e Monografias. Instituto Superior da Maia. Maia, 1997.

_____. Contexto e características da indumentária da capoeira: do século XVI ao século XX. **Perspectivas XXI: sociedade, espaço e tecnologias. Dossier Portugal e Brasil ano 2000**. Ano 3, número 4/5, 1º semestre de 2000. Publismai: Maia, 2000.

_____. ; JAQUEIRA, A. R. F. A luta da capoeira: reflexões acerca da sua origem. **Revista Ação & Movimento: Educação Física e Desportos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 148-156, julho/agosto de 2004.

BRACKENRIDGE, C. Assédio sexual e abuso. In Confederação Internacional do Esporte e Comissão Médica do COI. **Mulheres no Esporte**. Tradução Samira Tanaka. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. p. 274-280.

BRETAS, M. L. Império da navalha e da rasteira. **Estudos Afro-Asiáticos**, Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro, n. 20, p. 239-256, junho de 1991.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens – a máscara e a vertigem**. Tradução José Garcez Palha. Lisboa: Livros Cotovia, 1990.

CARNEIRO, E. Capoeira. **Cadernos de folclore**, n. 1. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação e Cultura - Departamento de Assuntos Culturais - FUNARTE, 1977. 23 p.

CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/ Instituto Nacional do Livro, 1954. p. 154/155.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **A descoberta do fluxo: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ELIAS, N. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

JAQUEIRA, A. R. F. **Análise do comportamento agressivo na capoeira sob a concepção dos Mestres**. Belo Horizonte, 1999. 135 pág. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Treinamento Desportivo, Universidade Federal de Minas Gerais.

MIRANDA, M. L. de J.; GODELI, M. R. C. S. Avaliação de idosos sobre o papel e a influência da música na atividade física. **Revista Paulista de Educação Física**. 16(1). p. 86-99, jan/jun 2002.

NOVAIS, F. **Estrutura e dinâmica do sistema colonial – séculos XVI-XVIII**. 2 ed. Lisboa: Coleção Horizonte. Livros Horizonte, 1975.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAMULSKI, D. M. **Psicologia do Esporte: teoria e aplicação prática**. Imprensa Universitária UFMG. Belo Horizonte, 1995.

SEBRAE, parceiro dos brasileiros. **Tipos de negócios: franquias**. Disponível em: www.sebrae.com.br. Acesso em 30/05/2005.

SOUSA, F. J. A. A passagem de “indivíduo” à “pessoa” no universo da capoeira. **Faceart**, Montes Claros: UNIMONTES/CCH/Curso de Educação Artística, v. 2, p. 41-50, novembro de 1998.

TUBINO, M. J. G. **O que é esporte**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1993.